

nova língua, um novo nome. O rosto de Ilse Losa que esse mapa desenha é principalmente feito de livros, livros de ficção, mas também (e como poderia ser de outro modo?) de memórias. Em 1983, passei um mês com Ilse Losa em Berlim, a cidade onde Ilse Lieblich vivera, e testemunhei o melancólico desencontro. A cidade era outra (até o vocabulário berlinense era outro), Ilse Lieblich tinha partido para sempre e aquela que regressara perseguia apenas uma sombra. Vi sempre essa sombra nos olhos e nos livros de Ilse Losa, a sombra de outra vida." (Pina, 2010: 101)

Ilse Losa (1913-2006) é autora de uma extensa e variada obra, de muitos "livros de ficção", com múltiplas edições e reedições, e que compreende textos escritos numa "nova língua", que vão desde o reconto até ao teatro, fixando-se, sobretudo, no conto e na novela e passando até pela produção pedagógica¹ e, mesmo, pela coordenação da edição de obras de literatura infanto-juvenil.

A Literatura Portuguesa, em especial a de preferencial recepção infanto-juvenil, deve muito a Ilse Losa, àquela que, um dia, deixou na Alemanha o nome "Leiblich". Deve-lhe, por exemplo, uma excelente tradução² de O Diário de Anne Frank, a coordenação da colecção "Asa Juvenil" (das Edições Asa) e, muito particularmente, um legado literário singular e multifacetado³ no qual encontramos "insinuantes volumes de literatura infantil" (Saraiva e Lopes, 1987: 1135)⁴ - para utilizar a expressão de António José Saraiva e Óscar Lopes -, ou títulos como, apenas para citar alguns, Faisca conta a sua História (1949), a sua primeira narrativa dedicada aos mais novos⁵, Um Fidalgo de Pernas Curtas (1958), Beatriz e o Plátano (1976), O Príncipe Nabo (1978), A Minha Melhor História (1979), Na Quinta das Cerejeiras (1981)- Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças: o melhor texto de 1980-1981 -, Viagem com Wish (1983) ou Silka (1984), essa "magnífica parábola sobre a intolerância (...) onde é difícil não ler uma reflexão acerca do destino do povo judeu" (Gomes, 1997: 36)⁶, essa expressão também da "sombra de [essa] outra vida" de que a autoras e viu forçada a desviar-se e à qual Manuel António Pina se refere.

Talvez faça (cada vez mais) sentido lembrar que Ilse começa a escrever e a publicar para crianças em Portugal sob a (o)pressão do lápis azul. Recorde-se que, em 1950, a Direcção dos Serviços de Censura emite Instruções Oficiais para a Literatura Infantil, documento que, além das considerações mais "técnicas" relativas à qualidade do papel, às cores ou ao tipo de letra, por exemplo, impõe e valoriza um conjunto de valores e de temáticas a seleccionar e, pelo contrário, vários outros a reprovar. A estas normas devem, ainda, associar-se a colaboração, por exemplo, da Igreja, nomeadamente da Acção Católica Portuguesa. Esta, além de, no

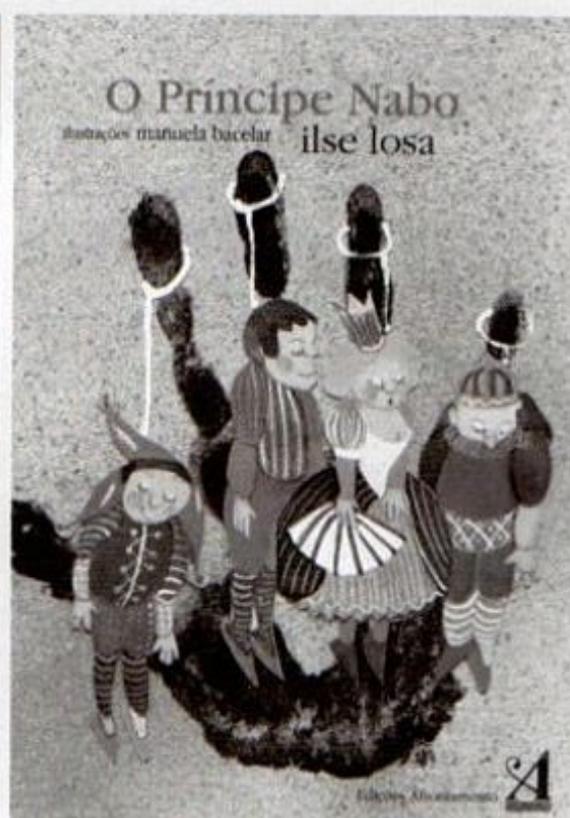
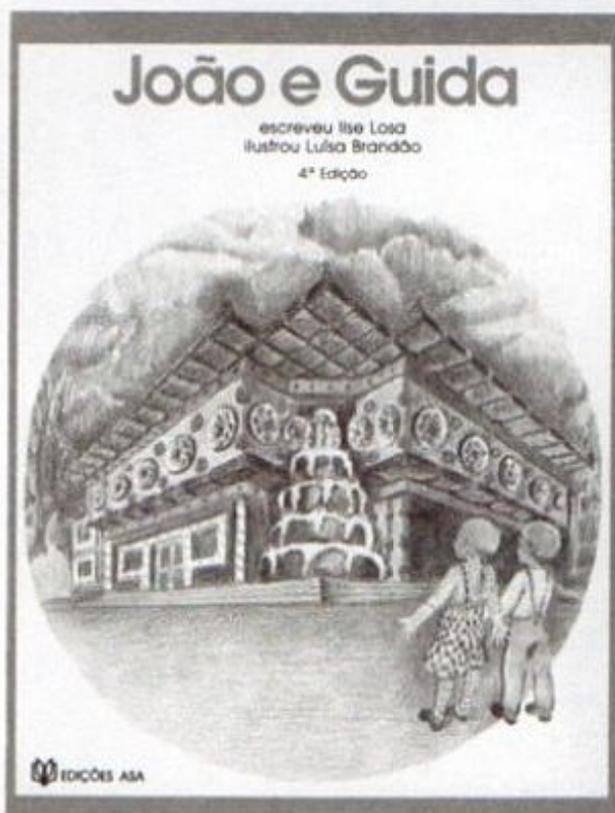
¹ Cf., por exemplo, que, em 1959, Ilse Losa publicou Nós e a Criança, obra, mais tarde (1980), reeditada pela Porto Editora.
² Como lembra Luis Miguel Queirós, em "Ilse Losa Uma escritora entre dois mundos", "deixa-nos um conjunto de importantes traduções, quer de autores alemães, como Brecht, Erich Kastner, Max Frisch ou Anna Seghers, quer de escritores portugueses que traduziu para a sua língua natal." (Queirós, 2006: 40).

³ Aliás, a obra de Ilse Losa estende-se ao romance, ao conto e à crónica (por exemplo, colaborou, com uma coluna mensal, no Público, desde o lançamento deste jornal, em 1990, até finais de 1992).

⁴ Vale a pena assinalar que, após a referência às principais obras de ficção de Ilse Losa, António José Saraiva e Óscar Lopes sublinham/reiteram: "Tem uma importante bibliografia de literatura infantil" (Saraiva e Lopes, 1987: 1166).

⁵ Sobre o início da sua escrita para crianças, afirma Ilse Losa em entrevista concedida a Ana Isabel Marques: "Em Portugal, não se dava muita importância ao livro para a criança, ao contrário do que sucedia em Inglaterra, ou mesmo na Alemanha, onde algumas dessas obras chegaram a ser best-sellers... Um dia, estava eu à beira-mar, a passar férias em Esposende, e vi lá um cão que era muito parecido com um que eu tinha tido quando era pequena. Resolvi então escrever uma história sobre um cão. Como o livro foi muito bem aceite, começaram a solicitar-me mais obras." (Marques, 2001: 209).

⁶ As ilustrações criadas por Manuela Bacelar para Silka (1ª ed.: 1984; 2ª ed.: 1990) foram premiadas com a Maçã de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava.



seu Boletim, ter publicado vários artigos sobre a "moral" das letras ou das leituras, dá início, a partir de 1957, à edição em separado de fichas de apreciação - literária e moral - de livros para crianças disponíveis no Mercado, uma avaliação espartilhada pelo "espírito do regime, já para não falarmos da orientação religiosa" (Bastos, 2006: 114), como assinala Glória Bastos.

Um dos livros de Ilse Losa, em concreto, *Um Fidalgo de Pernas Curtas*, como tantos outros de diversos escritores consagrados (por exemplo, Aquilino Ribeiro), surge avaliado como "Tolerável", indiciando a "má vontade" vigente "em relação a autores que não alinhavam em moralidades escusadas, tratando a criança-leitor sem infantilismos nem pieguices" (idem, ibidem: 114). Sobre a narrativa referida, pode ler-se: "Achamos

um pouco despropositada a crítica social ⁷ que transparece nalguns passos do livro, e que não interessa às crianças" (Boletim, n.º 15, 1963/63) ⁸.

Não obstante esta Censura/"censura" (e talvez muito decorrente de esta), Ilse Losa não fez cedências ⁹ e foi sempre uma voz pessoal, enveredando pelos caminhos de uma escrita para crianças isenta e limpa nos seus propósitos estético-ideológicos, assente numa linguagem que procura conscientemente respeitar o entendimento infantil ¹⁰.

Os três textos dramáticos criados por Ilse Losa não deixam de dar conta, subtilmente e em certa medida, desse "desalinhamento" da autora, pois "em todos eles, a dualidade dos mundos dos pobres e dos ricos, a diferença de entendimentos e de sensibilidades, os defeitos e as virtudes ocupam papel de destaque e são recorrentes". (Riscado, 2002: 7).

Com efeito, ainda que, na sua escrita, o texto dramático se materialize apenas na publicação de três peças, importa referir que a sua edição - como assinala Natércia Rocha na recensão de *A Adivinha*, disponível na secção "Rol de Livros" (Leitur@Gulbenkian) do site da Fundação Calouste Gulbenkian ¹¹ - vem contribuir, muito particularmente (mas não apenas), à data da sua primeira edição, para o necessário alargamento dos títulos que se integramo referido modo literário, modo que, ainda na contemporaneidade, permanece como a "Cinderella of children's literature" (Hollindale, 1996: 291) ¹².

João e Guida ¹³ vem a lume, pela primeira vez, nos anos 60 do século XX, no volume intitulado *2 Peças Infantis: O Príncipe Nabo da Nabolândia e João e Guida* ¹⁴. Em 1977, é editado na colecção *Asa Juvenil*, contando com ilustrações de Luísa Brandão.

Retomando e recriando o célebre conto Hansel e Gretel, incluído pelos irmãos Grimm em *Contos da Infância e do Lar* (1812), ou a história "Os meninos perdidos" ¹⁵, o texto estrutura-se em três quadros, localizados espacialmente "Na Mata", "Diante da Casa do Senhor Papa-Tudo" e "Em casa do Senhor Papa-Tudo", e coloca em cena dois irmãos - como no texto-matriz - que se encontram sozinhos "na mata", devido às condições precárias de vida da sua família. A divergir do texto clássico observa-se a presença de dois pequenos animais falantes - dois grilos (Fidelino e Fabiano) -, de um lobo (neste caso, Xexé) e de uma personagem masculina

⁷ Sobre este aspecto, vide Vasconcelos, 2013.

⁸ Esta informação encontra-se registada em Bastos, 2006: 114.

⁹ Cf. "Um apurado espírito crítico e a coragem de enfrentar as realidades deram aos seus livros um cunho particular. (...) a escritora fixa o olhar nas situações e analisa-as, retratando a vida no que ela tem de alegria ou sofrimento - nas crianças como nos adultos - sem cedências a infantilismos; as histórias nascem do quotidiano e mesmo quando surgem pinceladas rápidas de maravilhoso, ele é discreto e nunca alienante." (Rocha, 1984: 91).

¹⁰ A este título, veja-se o que deixou escrito no artigo "A linguagem na literatura infantil" (Losa, 1948).

¹¹ Cf. "O teatro para crianças é pouco abundante no nosso país. Se as peças em cena são raras, os textos impressos são igualmente uma raridade." (Rocha, 1987).

¹² Cf. "And our "dramatic literature for children", more prolific than ever before, is fragmentary in nature and in dire need of serious critical attention and institutional support which are given to children's poetry and children's fiction. Until that happens, drama will remain the Cinderella of children's literature, when it is arguably the most important children's art form of all, the one they are sure to live with, through the media of film and television, all their lives" (Hollindale, 1996: 219).

¹³ Manuela Bacelar, evocando a sua estreita ligação a Ilse Losa, recorda o seguinte: "Lembro-me de duas das peças: "A Gata Borralheira" e "João e Guida" muito bem escritas e adaptadas com muito humor pela Margarida Losa. Mais tarde as duas peças foram reescritas pela Ilse. "A Gata Borralheira" foi representada no Cine-clube e "João e Guida" nos Férias do Porto" (Bacelar, 2013: 38).

¹⁴ Identificámos uma edição intitulada *O Príncipe Nabo da Nabolândia João e Guida: peças infantis* (Divulgação, 1962), com capa, desenhos e arranjo gráfico de Armando Alves.

¹⁵ Cruzam-se, assim, nesta peça elementos intertextuais distintos, como os dois irmãos, o facto de um deles, o menino, ser aprisionado ou a casa feita de doces, herdados do conto grimmiano, ou, ainda, o lobo, figura tipificada que actua em vários textos do património tradicional oral. Uma nota apenas para assinalar que, no texto de Ilse Losa, João é preso numa gaiola e sobre esta "opção", escreve Patrícia Joyce o seguinte: "Para serem representadas, tal como a autora indica, é chocante o pormanor do menino metido na gaiola." (Joyce, 1963).

que desempenha o papel de vilão e cuja actuação parece servir eficazmente os propósitos satíricos/críticos da autora. Na verdade, o senhor Papa-Tudo, ostentando uma "cara amarelada, bigodaça, óculos de armação negra e grossa, cartola, bengala na mão" (Losa, 1987: 24), "nunca se ri" (idem, ibidem: 31) e é o modelo da arrogância, prepotência, preconceito e indiferença: "Fome, fome! Palavra ordinária. Que vem a ser isso, afinal, fome? Eu cá não sei o que é, deve ser coisa que só acontece aos mandriões." (idem, ibidem: 25). O desenlace vem, porém, deixar uma nota positiva, introduzindo a alteração de comportamento desta figura oponente que acaba bem disposta, a rir - até de si próprio, com recurso à auto-ironia ¹⁶ - e a dançar, e expressando o desejo de dividir a sua riqueza com os co-protagonistas. Na conclusão, vence o bem sobre o mal e saem vitoriosas as duas crianças que, "com recurso à esperteza, à sagacidade e ao humor, conseguem transformar o Senhor Papa-Tudo num homem mais bondoso e altruísta, capaz de, no final, partilhar as suas riquezas com os outros." (Gomes, Ramos e Silva, 2009: 23-24).

Com humor ¹⁷ e num registo vivo, para o qual contribuem as interações/diálogos rápidas/os entre as personagens, bem como os diversos segmentos destinados ao canto/à música e as assíduas referências à interpelação do público ou ao seu desejado envolvimento na acção ("Para o público"), surgem ficcionalizados tópicos intencionalmente críticos, substantivando, em última instância, as preocupações sociais da autora, particularmente datadas (mas também nada desactualizadas - note-se) e decorrentes do contexto histórico português à data da primeira edição do texto.

Como sugerimos, o volume conta com delicadas e sóbrias ilustrações a preto e branco de Luísa Brandão, autora também da composição visual, por exemplo, de *A Minha Melhor História* (1979). Em *João e Guida*, a apresentação das personagens é antecipada/concretizada a partir de uma sequência/sucessão de imagens que inclui os protagonistas João e Guida, o senhor Papa-Tudo e os grilos Fabiano e Fidelino, junto ao lobo Xexé. No corpo do texto/miolo da publicação, encontramos a recriação visual dos principais momentos da acção, observando-se inclusivamente uma ilustração em página dupla ¹⁸.

Também em *A Adivinha*, texto publicado, pela primeira vez, em 1967 ¹⁹, arquitectado em quatro quadros ²⁰ e que conta, na edição analisada, com ilustrações de Júlio Resende (1917-2011), Ilse Losa revisita, uma vez mais, uma narrativa tradicional, sendo "a trajectória e o significado do conto tradicional ou maravilhoso (...) utilizados como instrumentos de humor e de crítica" (Bastos, 2006: 268).

Apresentando-se, portanto, como a recriação de um "velho conto popular", "esta história passou-se num país qualquer e em qualquer ano, talvez neste em que estamos, no ano passado, ou ainda antes. De resto, pouco importa. As personagens que nela entram podiam existir em toda a parte do mundo e em todos os tempos, passados, presentes e futuros." (Losa, 1994). Na verdade, como em muitas das narrativas de Ilse Losa, a acção de *A Adivinha* localiza-se, inicialmente, no mundo rural, sendo protagonizada por um conjunto de personagens pertencentes a uma família de alfaiates com uma vida difícil.

¹⁶ Cf. "gente como eu não merece confiança." (Losa, 1987: 46).

¹⁷ Observa-se, no texto, a conjugação dos três tipos de cómico: situação, linguagem e carácter.

¹⁸ Cf. pp. 40-41.

¹⁹ De assinalar as seguintes edições: (1967) e (1979-2ª ed. refundida). Porto: Figueirinhas (ilustrações de Jorge Pinheiro).

²⁰ A obra é constituída pelas seguintes partes: Quadro I - Na alfalataria; quadro II - Na estrada, a caminho da Cidade-das-Sete-Torres-Douradas; quadro III - Em casa de Lu Petrolina; quadro IV - No curro do urso Olaf; Epílogo.

À semelhança do que se observa de forma recorrente nas narrativas tradicionais, também em *A Adivinha*, a uma situação problemática ou de desequilíbrio (adivinhar um enigma colocado por uma jovem) sucede uma tentativa de superação e um desenlace feliz. Na verdade, a decisão da partida dos três irmãos Paulino, Ernestino e Brás do seu meio matricial, em busca da sua sorte na "cidade-das-sete-torres-douradas"²¹, bem como a decifração da adivinha, colocada pela caprichosa menina Lu Petrolina, pelo irmão mais novo²², constituem, em termos globais, os momentos fundamentais deste texto dramático. Acresce, ainda, que à recuperação do argumento tradicional se alia um processo de actualização /contemporaneização, visível na colocação em cenário "actual", pois, como assinala Glória Bastos, "Agora o "reino" visitado é uma cidade de grandes arranha-céus, muito movimento e pessoas apressadas (...) e a "princesa" uma jovem moderna e volúvel" (Bastos, 2006: 268). Contrários, ainda, ao desenlace modelar dos textos da tradição são o facto de não se celebrar o casamento entre o herói e a princesa e também o carácter aberto do final da peça, reiterado pelo relato intitulado "Epílogo": "Consta, mas disso não há a certeza, que os três irmãos trabalham numa alfaiataria perto da floresta onde Olaf se instalou e que aos Domingos se juntam para ouvir o Brás contar uma história. Consta também que o mestre Abílio e a mãe Miquelina não quiseram abalar para o Norte, como era desejo dos filhos, mas que ficaram muito contentes com uma encomenda que receberam: três lombos fumados, os livros de Marco Polo, Robinson Crusoe e Dom Quixote. E ainda um cadeirão de couro." (Losa, 1994: 65).

Em *A Adivinha*, Ilse Losa, sem deixar de lançar algumas críticas a determinadas atitudes, "marcadas pelo capricho e irresponsabilidade" (Bastos, 2006: 268), ficcionaliza, uma vez mais, com arte, sensibilidade e boa disposição, temáticas como a união familiar, a importância da imaginação ou do sonho, do humor e da ingenuidade, o valor da amizade, a vitória do bem sobre o mal, o respeito pelo outro (mesmo quando este "outro" se trata de um animal, como o urso Olaf) e, ainda, o amor à arte, aos livros e à leitura²³. As ilustrações²⁴ do pintor Júlio Resende, figura importante do Neorealismo, recriam, no registo habitual do artista, com privilégio dos tons escuros, os momentos cruciais da acção, acentuando os traços e os gestos das personagens e indiciando algumas das suas cumplicidades.

O Príncipe Nabo constituiu o N.º 10 da Colecção Plátano de Abril, da Plátano (1978/1984), editora que, com desenhos de Fernando Rehvas, publica, pela primeira vez, autonomamente esta peça. Em 2000, a Afrontamento deu à estampa uma nova edição desta obra, desta feita com ilustrações de Manuela Bacelar. Texto com uma extensão considerável, estruturado em três actos, e no qual participa um conjunto alargado de personagens, relata a história de uma Princesa "presumida" (Losa, 2001: 9) (Princesa Beatriz), cheia de caprichos²⁵, e dos seus pretendentes, entre os quais o Príncipe Austero ou Nabo de Nabolândia. Neste texto, como em outros da autora, observa-se a contraposição de dois universos antitéticos, materializados em dois grupos de personagens, as "pobres" e as "ricas". A ficcionalização de temáticas tão "sérias" como a

21 Noutro contexto, valeria a pena analisar a configuração simbólica de elementos como os números três (três irmãos) e sete (sete torres), a viagem ou o dourado, por exemplo.

22 Note-se que, nos contos da tradição, cabe frequentemente aos filhos mais novos a resolução do conflito.

23 O pai alfaiate adorava ler livros de viagens e aventuras.

24 Seis no total, três delas em página dupla.

25 Cf. "(...) Príncipes como ela quer não existem neste mundo. Ou são gordos, ou são magros, pequenos, altos de mais..." (Losa, 2001: 6).



The Losa (5/4)

essência vs aparência, por exemplo, ou da aprendizagem/apreciação daquilo que é realmente importante na vida, opera-se através do recurso ao humor, consubstanciado nos três tipos de cómico (carácter, linguagem e situação). Mesmo as alusões pontuais a intertextos célebres - como o conto A princesa e a Ervilha, de H. C. Andersen, A Gata Borralheira ou A Bela Adormecida (idem, *ibidem*: 11) servem, em certa medida, o propósito lúdico ou humorístico do texto, e aliam-se, por exemplo, também ao recurso a expressões de tonalidade francesa, aos divertidos nomes ²⁶, por exemplo, de pretendentes da Princesa Beatriz e às várias situações de pedido e de recusa da sua mão ou, ainda, à presença do Bobo, com cuja actuação encerra a acção (Gomes, Ramos e Silva, 2009).

As ilustrações, da autoria de Manuela Bacelar, compostas em técnica mista (pintura, desenho, recorte e colagem), centram-se na recriação dos "cenários" e das personagens, possibilitando o seu reconhecimento e uma série de inferências relativas aos seus retratos.

Relidos os três textos dramáticos assinados por Ilse Losa, e em jeito de conclusão, sublinhamos apenas que a autora é uma voz inconfundível, uma voz que nunca se cansou de escrever "a valorização da dimensão humana, dos afectos (às pessoas, aos animais e às coisas), o elogio da vida, sem esconder a sua face mais austera e dura, mas valorizando os pequenas nada que a tornam mais suave e mágica" (Sousa, 2002: 129). Um dia, Ilse Losa disse "escrevo para todos e espero que todos me leiam" (Almeida, 2006: 41). Por isso escrevemos este texto e por isso partilhamos, com Ilse, dessa vital hesitação entre o sonho e o real quotidiano.



Condecoração (1991), Consulado Alemão



Condecoração (1982)

²⁶ Cf. por exemplo, Príncipe Ali-Gato, da Terra dos Trinta Mil Habitantes; Príncipe Partuk de Bonaco; Príncipe Austero de Mailândia; Marquesa de Fanfarronade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Sérgio (2006). "Ilse Losa, a escritora dos afectos faleceu ontem aos 92 anos" in *Jornal de Notícias*, 07 de Janeiro de 2006, p. 41.
- BACELAR, Manuela (2013). "A Ilse" in *Blimunda*, N° 10, Março de 2013, pp. 37-40.
- BARRETO, António Garcia (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- BASTOS, Glória (2006). *O Teatro para Crianças em Portugal. História e Crítica*. Lisboa: Caminho.
- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: MC-IPLB.
- GOMES, José António, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2008). "Do texto dramático e da sua representação - contributos para o estudo do teatro para crianças em Portugal (séc. XX)" in MOCIÑO GONZÁLEZ, Isabel, NEIRA RODRÍGUEZ, Marta, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (coord.) (2008). *Do Livro à Cena*. Porto: Deriva, pp. 15-43.
- GOMES, José António, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2009). "Contributos para o estudo do texto dramático e do teatro para crianças em Portugal" in RAMOS, Ana Margarida, ROIG RECHOU, Blanca e GOMES, José António (coord.). *Teatro para a Infância e a Juventude*. Porto: Deriva, pp. 7-73.
- GOMES, José António (2013). "Ilse Losa, uma voz inovadora" in *Blimunda*, N° 10, Março de 2013, pp. 24-29.
- HOLLINDALE, Peter (1996). "Drama" in HUNT, Peter (ed.). *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. London/NY: Routledge, pp. 206-219.
- JOYCE, Patrícia (1963). "2 Peças Infantis: O Príncipe Nabo da Nabolândia e João e Guida" (Recensão) in "Rol de Livros" (Leitur@Guilbenkian) - disponível em <http://www.leitura.guilbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=2268> (consultado no dia 02 de Abril de 2013).
- LOSA, Ilse (1948). "A Linguagem Infantil" in *Vértice*, Vol. VI, N° 64, Dezembro de 1948, pp. 367-371 - publicação facsimilada em *Blimunda*, N° 10, Março de 2013, pp. 41-43.
- LOSA, Ilse (1987). *João e Guida*. Porto: Asa (ilustrações de Luísa Brandão) (4ª ed.; 1ª ed. - 1977).
- LOSA, Ilse (1994). *A Adivinha: peça em quatro quadros*. Porto: Afrontamento (ilustrações de Júlio Resende) (1ª ed. - 1967; 2ª ed. - refundida: 1979).
- LOSA, Ilse (2001). *O Príncipe Nabo*. Porto: Afrontamento (ilustrações de Manuela Bacelar) (1ª ed. 1978).
- MAGALHÃES, Álvaro (2013). "Ilse Losa" in *Blimunda*, N° 10, Março de 2013, p. 36.
- PINA, Manuel António (2010). "A sombra de outra vida" in *Por Outras Palavras e Mais Crónicas de Jornal*. Porto: Modo de Ler, p. 101 (antologia seleccionada e organizada por Sousa Dias) (crónica originalmente publicada em "Por outras palavras" - *Jornal de Notícias*, 10 de Janeiro de 2006).
- QUEIRÓS, Luís Miguel (2006). "Ilse Losa (1913-2006) Uma escritora entre dois mundos" in *Público*, 07 de Janeiro de 2006, p. 40.
- RISCADO, Leonor (2002). "Ilse Losa Histórias com Memória" in *Malasartes (Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude)*, N° 8, Abril de 2002, pp. 3-7.
- ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Lisboa.

Sob céus
estranhos,
uma artista
chamada
Ilse

- ROCHA, Natércia (1987). "A Adivinha" (Recensão) in "Rol de Livros" (Leitur@Gulbenkian) - disponível em <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=7802> (consultada no dia 02 de Abril de 2013).
- SARAIVA, António José e LOPES, Óscar (1987). História da Literatura Portuguesa. Porto: Porto Editora.
- SIMÕES, Breda (1968). "A Adivinha. Peça em Quatro Quadros" (recensão) in "Rol de Livros" (Leitur@Gulbenkian) - disponível em <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=15581>(consultada no dia 02 de Abril de 2013).
- SOUSA, Maria Elisa (2002). "Ilse Losa Realidade e Esperança" in RÉGO, Manuela e SÁ, Luís (coord. e org.). Histórias para gente de palmo e meio. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 129-135.
- TORRES, Maria Goreti da Silva (2006). Figurações da Infância na obra de Ilse Losa. Braga: IEC-UM (dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância) (texto inédito policopiado).
- VASCONCELLOS, Maria João (1966). "O Príncipe Nabo na Nabolândia e João e Guida" (Recensão) in "Rol de Livros" (Leitur@Gulbenkian) - disponível em <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=15584> (consultada no dia 02 de Abril de 2013).
- VASCONCELOS, Ana Cristina (2013). "Era uma vez... Dois cães num país açaimado - Falsca e Fidalgo" in Blimunda, nº 10, Março de 2013, pp. 30-35.



Ilse Losa(1992, Porto)